



O IMPROVISADOR NAPOLITANO: — QUADRO DE L. ROBERT.

DE TEMPO immemorial prevalece na Italia um modo de ostentar a força intellectual e ainda mais a da imaginação; isto é, a récita ou o canto de poesias improvisadas sobre qualquer thema. Não fallámos das glosas de motes nas assembleas e na especie de certamen poetico a que chamavamos *outeiro*, que ainda não ha muitos annos eram vulgares entre nós; principalmente as primeiras. Bocage foi prodigioso neste genero, e mais alguns poetas tivemos notaveis pela agudeza, graça e promptidão dos improvisos, e pela facilidade com que achavam as rimas, por escaças que fossem em o nosso idioma, aliás tão abundante dellas. A alluencia dos pensamentos, ainda que triviaes, vestidos agradavelmente, e a velocidade no metrificar constituem o merito principal dessas explosões do entusiasmo, postoque muitas vezes se lhes notem defeitos de metro e de lingua, indesculpaveis em mais pausadas composições.—A *improvisação* dos italianos é de outro character; quando acompanhada pela harmonia de instrumentos, tem parecenças com as modinhas improvisadas á guitarra, como

FEVEREIRO 5 — 1842.

em Portugal e Hespanha se usava; nas quaes foi celebre um Caldas, auctor da *Viola de Lerenno*, que considerada como poesia lyrica tem fraco merecimento: presâmos [sem comparação] a *Marilia de Dirceó*, que pela doçura dos versos convidou a musica a revesti-la de seus emcantos, e não fazemos caso das palavras rimadas, que brotaram ao acompanhamento da musica, e a que só esta deu passageiro valor.

Entre os nossos camponezes, nos dias festivos tem grande cabimento e o melhor lugar aquelle que entôa em voz distincta a monotona *desgarrada*, seguindo sem interrupção uma serie de cantigas sobre o motivo, que foi dado pela reunião campestre ou nasceu de qualquer circumstancia fortuita. Ha outros cantos alternados entre dois contendores, a que chamam *o desafio*: as ultimas palavras do que conclue são thema, e rima forçada para o que lhe responde. É bem de suppor quanta rusticidade apparece nestes desafogos em os poucos momentos d'ocio que o povo laborioso desfructa: temos porem observado que a par dos disparates d'alguns brilha a linguagem imaginosa de

2.^a SERIE — VOL. I.

outros, que são intelligencias rusticas, como terreno inculto; mas que por suas naturaes e felizes disposições comprehenderam a riqueza e amenidade do solo que os sustenta, e se comprazem exaltando-as em seus folgares.

Porem nada disto é o verdadeiro improvisador italiano, nem o eclipsam os charlatães que na Italia lhe seguem a pista, visto que em toda a parte ha imitadores, e copiadores servís, peste dos officios, das artes, e das lettras. — A famosa Corilla de Pistoia, que deu o assumpto e o nexa da acção ao romance da celebre M.^{me} de Stael (*), pelo seu talento de improvisar recebeu os applausos dos mestres. — Não ha muito que appareceu um mancebo, que improvisava dramas; desconto lhe davam os sabedores, attendendo a que *improvisava*. Foram nomeados Ciconi e Gricci: porem no canto lyrico vence a palma José Rigaldi. No principio de 1840, perante numerosos auditorios alardeou seus talentos em París; muitas das suas composições *extemporaneas* foram escriptas por stenographos; e temos pena de que os limites e plano deste Jornal não permitta transcrever a que se intitula *il esule, o desterado*. Não queremos porem ommittir o nome do improvisador dos dramas, porque raros exemplos destes darão os seculos: chama-se Sgricci. —

A nossa gravura não representa o auditorio que attento escuta algum desses talentos portentosos; pinta uma scena de costumes, mostrando um grupo popular, á roda do improvisador ambulante, que nas praças e encruzilhadas diverte os seus compatricios.

ARRIAS POR FORO D' HESPAÑIA.

1371 — 3.

VII.

Juramento — Pagamento.

PASSÁRA mais d'um anno depois do casamento d'elrei. Este casamento que explicava o repudio da infanta de Castella não bastára em verdade para accender a guerra entre D. Henrique e D. Fernando, estando já de algum modo previsto nos capitulos addiccionaes do tratado de Alcoutim. Mas como se o desgosto que semelhante offensa devia gerar no animo do rei castelhano não fosse assaz forte para servir de fermento a futuras guerras, D. Fernando suscitára novos motivos de serias desavenças, que não particularisaremos aqui, por não virem a nosso intento. Baste saber que, depois de inu-

teis mensagens e queixas, D. Henrique de Castella, entrando subitamente em Portugal e tomando muitas terras fortificadas, atravessára rapidamente a Beira, passára junto aos muros de Coimbra onde se achava D. Leonor Telles, e vindo offerecer batalha a elrei D. Fernando, que estava em Santarem, e que não acceitou o combate, se encaminhára para Lisboa, cujos habitantes despercebidos apenas tiveram tempo de se acolherem aos antigos muros edificados pelos arabes, de cujas torres e adarves viram os castelhanos saquearem e queimarem os bairros mais povoados e ricos da cidade, os arrabaldes, sem lhes poderem pôr obstaculo. No meio deste apertado cêrco, desamparados d'elrei, que apenas lhes enviára alguns de seus cavalleiros, os moradores de Lisboa não tinham desanimado. Com varia fortuna haviam resistido aos commettimentos dos castelhanos, e o que mais duro era de soffrer, á fome, á sede, e até ao receio de traições de seus naturaes. Finalmente D. Fernando fizera uma paz vergonhosa, depois de ter suscitado uma injusta guerra, e Lisboa viu affastar dos seus muros o exercito d'elrei de Castella, que a tivera sitiada durante quasi dois mezes.

Era, nos fins de maio de 1373, pela volta da tarde d'um formoso dia de primavera. O ar estava tepido, e o céu limpo. Pelos campos e valles via-se verdejar a relva; e a madsilva e as rosas bravias, enredadas pelos vallados, embalsamavam a atmospherá. Mas estes eram os unicos signaes que nos arredores de Lisboa revellavam aquella estação por excellencia suave no seu clima suavissimo. Tudo o mais contrastava horrivelmente com elles. Os extensos e bastos olivedos que nessas eras a rodeavam, jaziam decepados em terra como se por ahi tivesse passado fouce gigante, meneada por braço de ferro ou de bronze. Pelos outeirinhos coroados pouco havia de vinhas frondosas, viam-se espalhadas as videiras cubertas de folhas, ressecadas antes de tempo, ou ennegrecidas pelo fogo, assimilhando-se a gandra cuberta d'urzes, que foi desbravada por fins d'outono. As vastas hortas que se derramavam por Valverde, trilhadas pelos pés dos cavallos, estavam incultas e abandonadas. Mas sobre este mal asombrado e triste chão do painel, mais melancholica e afflictiva avultava ainda a figura principal — a cidade.

Os populosos bairros chamados *os arrabaldes*, onde d'antes era continuo o ruido discordante de tracto immenso, achavam-se convertidos em um montão de ruinas. Para o lado do sul e poente não se viam desde os antigos muros [cujo contorno apenas cercava o castello e o bairro a que hoje damos geralmente o nome

(*) *Corina*, uma das melhores obras de M.^{me} de Stael: corre vertida em a nossa lingua por D. Francisca Possolo, ha pouco falecida.

d'Alfama] senão edificios queimados, ruas entulhadas, praças desfeitas, vestigios de sangue, peças d'armadura aboladas, ou falsadas, hastilhas e ferros partidos de viotes, de lanças e d'espadas, e aqui e acolá cadaveres fetidos, não só de cavallos, mas d'homens, cujas carnes, meias devoradas pelos cães ou pelo tempo, lhes deixavam branquejar as ossadas. Sobre os entulhos appareciam como phantasmas os servos mouros, revolvendo as pedras derrocadas em busca de alguma preciosidade, que tivesse escapado ás chammas e ao inimigo; e junto ás paredes negras da sinagoga os mercadores judeus, olhando para o seu bairro assolado, depenavam as barbas á roda dos rabbis, que recitavam em tom de pranto os versiculos hebraicos dos Threnos.

Por meio deste vasto quadro de assolação rompia uma numerosa companhia de cavalleiros e damas, de donas e escudeiros, de donzellas e pagens, brilhante cavalgada que descia da banda de Santo Antão para S. Domingos, e tomava pela Corredoura para a porta de ferro. A formosura e o luxo das mulheres, as figuras athleticas e os rostos varonis dos cavalleiros, o brunido das armas, o loução dos trajos, o rico dos arreios, emfim tudo dava clara mostra de que naquella cavalgada vinha a mais nobre gente de Portugal. Os risos das damas, os ditos galantes e agudos dos fidalgos, o rinchar alegre dos corceis possantes, e dos delicados palafrens, as doudices dos donzeis, que ora correndo á redea solta, ora soffrendo os cavallos ao perpassar pelas mulas pacificas dos cortesãos letrados, os faziam vacillar e debruçar sobre os arçães; o bater das azas dos nebris e girifaltes empoleirados nos punhos dos falcoceros, o latir dos galgos e allãos, que atrelados forcejavam por se atirarem acima daquelles centenares de habitações derrocadas, d'onde sabia de vez em quando uma exalação de carniça: este rir, este folgar, este ruido do contentamento, este matiz de reflexos metallicos, de côres variegadas, passando como um turbilhão atravez daquelle silencio sepulchral, parecia rasgar o veu de tristeza que cubria a vasta área da cidade destruida, e revoca-la a uma nova existencia.

Mas o povo, apesar disso, continuava a esperar triste.

A cavalgada chegou ao terreiro da sé. Um engenho de arremessar pedras estava assentado no meio d'elle, e os grossos madeiros de que era construido viam-se ainda manchados de rastos de sangue. Uma dama que vinha na frente da comitiva parou: um cavalleiro de boa idade e gentil-homem, que caminhava a seu lado, parou tambem. A dama apontou para o en-

genho, disse algumas palavras ao cavalleiro, e depois desatou a rir.

Ella era a mui nobre e virtuosa rainha D. Leonor: elle o mui excellente e esclarecido rei D. Fernando de Portugal.

D. Leonor Telles tinha rasão para rir.

Durante o cêrco de Lisboa uma voz, verdadeira ou falsa, se espalhára de que varios moradores da cidade estavam preiteados com elrei de Castella para lhe abrirem uma das portas. Dava força a taes suspeitas o acharem-se no campo castelhano Diogo Lopes Pacheco e D. Diniz, que com elle se haviam ajuntado na sua entrada em Portugal, e as desconfianças recahiam naturalmente sobre aquelles que dois annos antes tinham seguido o partido contrario a D. Leonor, de que o infante e o velho privado de D. Affonso 4.^o eram cabeças. Assim a popularidade dos parciaes de D. Diniz tinha diminuido consideravelmente, porque o povo em vez de attribuir a sua ruina ás causas remotas — as paixões insensatas de D. Leonor, e a imprudencia d'elrei, — só nas suggestões de Diogo Lopes e do infante via a origem de todos os males presentes, e o odio que contra os dois havia concebido se estendêra a todos os que cria serem-lhe affeiçoados.

Apenas, portanto, se divulgou a noticia da intentada traição, o povo furioso correu ás moradas daquelles que, como fica dito, lhe eram mais suspeitos. Seguiu-se uma festa de cannibae — festa de vulgacho em qualquer tempo e logar que elle reine. Aquelles que não puderam provar de modo innegavel a sua innocencia, foram mettidos aos mais crueis tormentos, onde nenhum se confessou culpado. Um desgraçado, contra o qual eram mais vehementes as desconfianças, foi arrastado pelas ruas e feito depois em pedaços: «outro — dâz o chronista — (*) tomarom e pozeram-no na fuma d'huum engenho, que estava armado ante a porta da see; e quando desfechou lançou em cima dessa egreja antre duas torres dos sinos que hi ha, e quando cahio acharomno vivo; e tomaromuo outra vez e pozeromno na fuma do engenho, e deitouho contra o mar, omde elles desejavom, e assi acabou sua vida.»

Era por isso que D. Leonor olhára para o engenho, e se rira. O proprio povo tinha pagado uma parte das arrhas do seu casamento.

(Concluir-se-ha.)

PORTUGAL.

III.

MEMORIA Á CERCA DO CONVENTO DE CHRISTO EM THOMAR.

Não ha em toda a monarchia portugueza mo-

(*) F. Lopes. Chr. de D. Fern. cap. 75.

numento mais nacional e venerando, nem mais proprio para excitar honradas e gloriosas recordações do que o convento da Ordem de Christo em Thomar.

Quasi nascido com a independencia lusitana, coevo das grandes fundações deste tempo; oriundo da rara perspicacia e patriotica politica do magnanimo rei D. Affonso Henriques; edificado por um dos fortes cavalleiros da sua brilhante escola, o Mestre do Templo, D. Gualdim Paes; cabeça e casa capitular daquella milicia famosa, que trouxe da Palestina a alliança da profissão religiosa com o heroismo cavalleiroso; defendido por aquellas torres e invenciveis baluartes do seu castello, onde alguns annos depois vieram quebrar-se as armas africanas e as furias vingativas do Miramolim de Marrocos em pessoa; favorecido dos reis e dos chefes da igreja por seus relevantes serviços; acatado de todas as ordens do Estado; querido e procurado da flor da cavallaria portugueza, que se comprazia d'habitar dentro de suas paredes; para ser respeitado e venerado de todos e objecto de gratidão nacional, bastava-lhe a historia dos seus primeiros dois seculos d'existencia.

Mas a sua importancia não parou aqui: e quando as vicissitudes das cousas humanas acarretaram a estrondosa queda e extincção dos templarios no reinado d'elrei D. Diniz, novos e brilhantes destinos, talhados pela sabia firmeza deste illustrado monarcha, fadaram a renovação da vida desta grande casa; e della como que sahio resurgida a Cruz do Templo transformada na Cruz da Ordem de Christo. Esta nova Ordem, herdeira melhorada das avultadas possessões e preeminencias da outra, fundada com identico destino, plantada sobre o mesmo instituto, e legataria de tantos serviços e de tanta gloria, soube desempenhar-se de tão relevantes encargos: e quando no continente do reino lhe faltaram inimigos a combater, e terras a guardar das incursões sarracenas, lá foi atravez do *mar temeroso*, nas caravellas do infante D. Henrique com as cruces arvoradas nos pendões, plantar o symbolo da civilização, e os marcos da dominação portugueza nas costas africanas, nas ilhas novamente descobertas, nas plagas remotas e desconhecidas da zona torrida. E o mundo admirado contemplou na douta perseverança do illustre Mestre da Milicia de Christo, e na dedicação e afouteza de seus cavalleiros a origem das novas maravilhas, e dos prodigios patenteados á sua vista. Deste começo sahiram, na phrase eloquente d'um dos nossos historiadores, aquelles generosos aventureiros que rasgaram a venda que occultava ao mundo metade de si mesmo, e que alargando a esphera da intelligencia humana, lhe mos-

traram na terra novos climas, nas aguas novos mares, e no céu novas estrellas.

Felizmente que já hoje não poderemos ser acoimados d'exageração nesta materia, depõs que um sabio compatriota nosso, pela descuberta e produção de cartas maritimas contemporaneas, e mappas d'uma autenticidade incontestavel, acaba de confirmar-nos na idéa, em que já estávamos, de que ao instituto da Ordem de Christo, ás suas grandes rendas e influencia, não menos que aos elevados espiritos de seu illustre Mestre, se deveu o descobrimento dos mares, ilhas, e costas que apontaram o caminho do Oriente, que occasionaram a fortuna de Cabral e de Colombo, e que ensinaram a Magalhães a circumnavegação do globo. Nas ditas cartas verão nossos leitores as triumphantes bandeiras da Ordem de Christo, tremulando nos topes de nossos navios descobridores, afugentarem a concurrencia ambiciosa das nações rivaes, e assegurarem a prioridade da posse portugueza; ou, gravadas nos padrões levantados nas enseadas e portos de nossas conquistas, apontarem a origem titulada dos novos dominios, e dessas quatrocentas praças e pontos fortificados que outrora possuímos na extensão de muitos milhares de costa desde o Estreito de Gibraltar até aos confins do Oriente. E esse mesmo intrepido argonauta, que primeiro atravessou o Cabo tormentorio, não levava elle pendente ao peito a Cruz de Christo de que era simples cavalleiro? E nossos guerreiros na India, quando alongando os olhos avidos pela extensão dos mares, esperando o desejado soccorro, não distinguiam elles as náus portuguezas pelas *vermelhas cruces* estampadas nas velas e bandeiras?

Nosso proposito porem não é escrever aqui um panegyrico, nem tão pouco emprehendermos por agora encetar a historia dessas duas ordens famosas, que dissemos. Mas como é proprio d'homens avisados presar cuidadosamente o lustre que lhes cabe das glorias antigas de seus passados, não seremos nós portuguezes que malbaratemos as que nos vieram da briosa Milicia de Christo, mostrando-nos mesquinhos e ingratos até com a sua memoria. Assim que nosso unico intento se reduz a intressar com ella o brio nacional a fim de que conservemos o que possuímos, e não deixemos perecer um monumento a que estão ligadas honradas e gloriosas recordações: fallâmos do convento de Christo em Thomar, desse grandioso edificio, que corôa e engrandece uma das villas notaveis deste reino, e que ainda hoje attrahe sympathicamente a considerar suas bellezas d'arte, e suas gloriosas ruinas, os nacionaes e os estrangeiros.

E nós, que nos presamos também de pertencer áquella Ordem, que ha muito nos entretinhamos agradavelmente com os successos de sua historia, e que como curiosos alli fomos visitar a pasmosa vastidão de seus edificios, e entristecer-nos com o seu desamparo actual, assentámos que faziamos algum serviço á patria, e desempenhavamos um dever de profissão, expondo ao publico portuguez em geral, e aos dignitarios e cavalleiros da Ordem em particular, a ruina imminente que ameaça aquelle respeitavel monumento, a fim de que nos forremos ao indecoroso labéu da sua inteira destruição.

Da origem e fundação do castello de Thomar pelos Cavalleiros do Templo.

Entre as ordens famosas de cavallaria, que o entusiasmo religioso e guerreiro dos cruzados na Palestina fundaram em Jerusalem por principios do seculo 12.^o se distinguiu em valentia militar, e em dedicação cavalleirosa e devota, a dos templarios. De pequenos principios, com o instituto, ou antes proposito no começo limitado e restricto, de dar escolta e gasalhado aos peregrinos, pouco a pouco estenderam suas tarefas, tornaram-se bellicosos, numerosos e fortes; fizeram soar alto na Europa, dominada então dos mesmos principios, a relevancia da sua profissão; e passados annos no concilio de Troyes, em que assistiu S. Bernardo, o zeloso fautor da cruzada, se approvou a Ordem do Templo em o anno de 1128.

A fama da generosa valentia, e da vida regular e monastica destes briosos guerreiros, não podia deixar d'encontrar sympathias no nascente Portugal, resgatado havia pouco do jugo sarraceno. De crer é que o proprio conde Henrique, voltando da Syria, dêsse as primeiras noticias desta nova criação; o certo porem é que já no governo de sua viuva a rainha D. Thereza se encontram templarios estabelecidos no paiz. Parece que a casa principal da Ordem então era em Braga; mas tinham propriedades em varias outras terras da provincia d'Entre Douro e Minho, e a mesma rainha lhes havia doado a villa de Fonte-Arcada de Penafiel no anno de 1126. Depois da approvação e confirmação da Ordem no anno sobredito de 1128, lá foram os cavalleiros do Templo affrontar os mouros na sua mesma fronteira, e guardar o castello de Soure, que aquella princeza e seu segundo marido, D. Fernando da Trava, lhes doaram com o territorio adjacente em *terra deserta* na Estremadura para o cultivarem e povoarem: e o principe D. Affonso, que nesse mesmo anno havia tomado o governo a sua

mãi, lhes confirmou a dita doação, declarando na mesma carta da concessão fazer isto = pelo muito amor que tinha aos cavalleiros do Templo, e porque era seu *confrade*. =

Passaram annos de continuas guerras, que era o emprego annual do infatigavel principe: conseguira elle levantar o forte castello de Leiria, defendiam-lhe os templarios a retaguarda deste posto avançado, e dahi em uma noite, acompanhado de 150 bravos aventureiros, em que se contavam alguns daquelles, commetteu aquella briosa e admiravel surpresa de Santarem de que se assenhoreou no anno de 1147. Na marcha desta memoravel jornada, no meio das profundas e agras meditações que lhe deviam inspirar as difficuldades mesmas da empreza, e os riscos a que se expunha a si e aos outros, fez voto a Deus de dar aos cavalleiros do Templo e á sua Ordem todos os direitos ecclesiasticos de Santarem, se fosse feliz na tentativa (1). Verificou-se ella venturosissimamente, e os templarios em principio da sua posse entraram de levantar a igreja de Santa Maria d'Alcaçova, e a cuidar do seu novo estabelecimento, tanto mais querido quanto estava nas fronteiras dos inimigos da cruz. Porem este projecto se desvaneceu annos depois; porque, restaurada Lisboa em 1147, o bispo D. Gilberto reclamou a integridade de seus direitos diocesanos, disputou Santarem aos templarios, e seguiu-se encarniçado litigio que durou muito tempo. Ainda nisto achou o cuidadoso e prudente monarcha arbitrio para resalvar os primores da sua palavra real, e concordando os dissidentes substituiu por outra mais ampla a doação controvertida; fez com que os Freires desistissem de Santarem, conservando apenas por memoria a igreja de Santiago, e doou-lhes o castello de Ceras com largo territorio adjacente. Já por este tempo era Mestre do Templo o famoso D. Gualdim, o qual partindo com os seus Freires ao dito castello, e achando-o mal colocado para os fins da instituição da Ordem, entrou de levantar outro em Thomar, ponto central, e mais accommodado para a povoação e defeza de seus vastos dominios. As circumstancias do local com effeito demonstram a sabedoria daquella preferencia. Uma concha ou enseada abrigada de montes com sufficiente capacidade, regada pelas placidas e cristallinas aguas do Nabão, era alli ázada para uma boa povoação: um padraço

(1) Ego Alfonsus . . . incipiens iter meum ad illud Castellum quod dicitur Santarem votum vovi quod si Deus illud mihi attribuerit omne Ecclesiasticum darem Deo et Militibus fratribus Templi Salomonis institutis in Hierusalem pro defensione sancti sepulchri quorum pars mecum erat in eodem comitatu. — *Doc. do cart. de Thomar no Elucid. verb. sepulchro.*

que alli visinho, n'uma das extremidades da concha, se elevava alcantilado, convidava a coroa-lo com forte castello; e as mesmas tradições religiosas do sitio o faziam venerando, e reclamavam a restauração do culto catholico. Fôra alli o nascimento e o martyrio de Santa Iria; existia o celebrado pégo em que seu corpo foi arrojado á corrente; e em Santa Maria dos Olivaes existiria talvez ainda algum resto do templo antigo, e do mosteiro de monges benedictinos que o habitaram desde os tempos gothicos. D. Gualdim fêz reparar a igreja que dedicou para os officios religiosos de seus Freires alli conventuaes, e edificou para defeza de todos o fortissimo castello com suas torres e muralhas, que ainda hoje se observam em pé e quasi direitas atravez de quasi 7 seculos, porque nas ameas de seus baluartes estiveram sempre esculpidas ou talbadas as cruzes victoriosas de duas ordens venerandas (2).

Construido o castello de Thomar e restaurada a igreja de Santa Maria dos Olivaes, alli ficou sendo a casa capitular e cabeça da Ordem do Templo, e esta teve no decurso do reinado d'elrei D. Affonso 1.^o um incremento e preponderancia admiravel. Os creditos e serviços dos cavalleiros, e a relevancia da pessoa do seu chefe acarretaram-lhe doações, privilegios, e senhorios de castellos, villas, e territorios que seria longo enumerar. Na provincia da Estremadura sómente teve a Ordem do Templo, até o anno de 1185, em que falleceu aquelle soberano, os castellos seguintes e suas dependencias: — Soure, Ega, Redinha e Pombal, resultado das primitivas doações da rainha D. Thereza: e de seu augusto filho, — Thomar, Ceras, Zezere e Almourol; de maneira que aos denodados cavalleiros do Templo, como que estava confiada a guarda e defeza da Estremadura, tendo estes na mão as chaves das duas portas, por onde nella podiam penetrar os mouros; uma sobre o Zezere para os que viessem da Beira baixa, e a do Tejo em Almourol aos que d'Andaluzia penetrassem pela provincia do Alemtejo. Uma só prova, entre muitas que poderiamos apontar, decide da grande confiança daquelle mesmo soberano em os cavalleiros do Templo; e foi ella dada em occasião especial. Havia a fortuna uma só vez voltado as costas ao venturoso monarcha: um accidente imprevisto ao sahir a porta de Badajoz lhe fez perder uma batalha e a liberdade,

(2) Era 1198 [anno de Christo 1160] primo die Marcii Regnante Alfonso illustrissimo Rege Portugalis, Magister Galdinus Portugalensium militum Templi, cum fratribus suis, primo die Marcii cepit edificare hoc Castellum nomine Thomar, quod prefatus Rex obtulit Deo et Militibus Templi. — [Copiado da inscripção lapidar que se acha sobre o taboleiro das escadas ao lado direito da porta principal da igreja de Thomar].

ficando prisioneiro de seu sobrinho D. Fernando, rei de Leão: conduzido mal ferido a Avilaahi negociou a paz, e veio pouco depois fazer uso das caldas de Lafões em curativo de sua molestia. Era este lento e demorado, e picavam ao incansavel soberano os cuidados da defeza do Alemtejo, e da guerra que por aquelle lado era forçoso sustentar: lembrou-se dos seus valentes templarios de Thomar, e chamando o Mestre D. Gualdim encarregou-o e á sua Ordem da defeza daquella provincia, e do proseguimento da guerra, dando e doando desde logo á mesma Ordem a terça parte de tudo quanto se ganhasse e estendessee por aquelle lado. Esta notavel doação foi feita e assignada nas ditas caldas de Lafões em setembro do anno de 1169. (Continuar-se-ha.)

ARTES.

Methodo novo de dourar metaes.

A SEGUINTE instrucção em que se expõe este methodo nos foi communicada por um estudioso *Alumno da Eschola Polytechnica de Lisboa.*

No curso de manipulações chymicas, que o Sr. Pimentel faz no laboratorio da Eschola Polytechnica, presenciámos a pratica de um processo inteiramente novo para a douradura dos metaes pelo galvanismo, que pela facilidade no trabalho, perfeição do resultado, universalidade da applicação, e economia merece incontestavelmente a preferencia sobre todos os processos conhecidos, e tem sobre o processo ordinario da douradura pelo mercurio a immensa vantagem da salubridade, pois que aquelle se faz, applicando sobre a peça que se quer dourar, o amalgama de ouro, e fazendo depois volatilisar o mercurio, que em vapores se espalha pelo ar tão nocivos aos que o respiram; ao passo que no novo processo a douradura é feita de um liquido, sem que haja exhalção de vapores, ou outra qualquer circumstancia prejudicial á saude.

Ouvimos que o processo em questão era devido a M.^r de La Rive. Já o Sr. Pimentel tinha dado delle no seu curso de chymica elementar no anno passado uma noticia muito succinta, mas não tinhamos colhido idéa tão perfeita de todas as suas particularidades como no presente curso de manipulações, em que aquelle professor o expoz com toda a clareza, e o executou á nossa vista em uma pequena peça de prata. Trataremos de o expôr pela ordem dos apontamentos que tirámos n'aquella occasião.

O facto fundamental do processo de *La Rive* é a decomposição que soffre a dissolução do chlorureto de ouro, sujeita á acção de uma

corrente electrica, sendo o ouro levado com o hydrogenio da agua ao pólo negativo, e o chloro com o oxigenio ao positivo. As correntes electricas fortes não preencheriam o fim desejado pela rapidez da decomposição; foi necessario recorrer ás correntes fracas, que Becquerel tem empregado com tanta vantagem, para alcançar que o ouro viesse molecula por molecula precipitar-se sobre o metal que se pertence dourar, e dispôr-se ahi por um modo tal e com uma tal adherencia que por um certo modo compenetrasse a superficie do metal, formando ao mesmo tempo uma nova superficie de ouro: era tambem necessario que as cousas se arranjassem de modo que os dois pólos não estivessem no mesmo liquido, porque devendo o metal, que se quer dourar, ser o pólo negativo, para nelle se precipitar o ouro, e devendo o pólo positivo ser nesse caso um fio de platina ou de ouro, para não ser dissolvido pelo acido da dissolução, e perturbar-lhe a sua pureza, não podiam realisar-se as condições requeridas para a boa douradura; das quaes a principal é a lenta decomposição do sal d'ouro. Para isto soccorreu-se de La Rive da propriedade que tem os diaphragmas de bexiga ou de *baudruche* [pellicula de tripa de boi] de deixarem passar a corrente electrica, sem permittirem que se misturem os liquidos que separam.

Obtem-se o resultado que se deseja com a disposição seguinte.

A peça metallica, de prata ou de latão, que se quer dourar, fica introduzida dentro de um sacco feito de bexiga de boi, de *baudruche*, ou de outro qualquer tecido animal desta natureza, em que se contem a dissolução do ouro muito diluida, este sacco mergulha em um copo contendo agua acidulada com algumas gotas d'acido sulfurico se o objecto a dourar é de prata; ou d'acido azotico [*agua forte*] se é de latão, e com esta disposição os dois liquidos, dentro do sacco e fóra d'elle, não se misturam; a peça que se quer dourar está alem disto suspensa por um ponto com um arame de prata ou de platina a um arame grosso de cobre soldado a uma lamina de zinco, a quem se póde dar a fórma cylindrica, e que está mergulhada na agua acidulada contida no copo.

O zinco constitue o elemento positivo da pequena pilha, e o metal que se quer dourar o pólo negativo: disposto assim o apparatus, estabelece-se uma corrente fraca, que passa através da bexiga, e debaixo de cuja influencia a agua e o chlorureto de ouro são decompostos: o oxigenio da agua e o chloro do chlorureto vem atacar o zinco, e o hydrogenio e o ouro dirigem-se sobre o metal a dourar, o primei-

ro evolve-se e vê-se sahir bolha a bolha lentamente para o ar, o segundo precipita-se e adhere á superficie metallica.

Póde esta disposição dos liquidos mudar-se quando, por exemplo, se quer dourar o interior de um vaso de prata ou de casquinha, mettendo o zinco e a agua acidulada dentro da bexiga, e a dissolução dentro do vaso.

Eis-aqui como se deve praticar. Ata-se a peça que se quer dourar, e que deve de estar perfeitamente limpa e burnida, por um ponto com um pequeno arame de prata ao arame grosso de cobre que está soldado á lamina cylindrica de zinco, introduz-se tudo dentro de um copo de vidro, em que se contem agua acidulada com algumas gotas de acido sulfurico; logo começa a decomposição da agua, e o hydrogenio bolha a bolha principia a evolver-se, e algumas destas bolhas ficam por algum tempo adherentes sobre a peça, e depois, subindo por ella, vem derramar-se no ar. Esta operação tem por fim limpar melhor a peça de prata. Dura este banho dois minutos. Tira-se a peça para fóra do banho e limpa-se com muito cuidado a um panno ou toalha secca. Mette-se depois o sacco de bexiga juntamente com a lamina de zinco dentro do copo, que ainda contem a agua acidulada, e a peça, atada como no primeiro caso, fica dentro da bexiga; verte-se então nesta com precaução a dissolução de ouro diluida, e deixa-se a peça neste banho por espaço de tres minutos; findo este termo, tira-se, limpa-se muito bem, dá-se-lhe um segundo banho como o primeiro simplesmente na agua acidulada para melhor a limpar, esfrega-se então com todo o cuidado para que a superficie fique polida, e possa continuar, nas operações seguintes, a receber as novas camadas de ouro com igualdade. Repetem-se estas operações alternadamente até que a peça esteja bem dourada. Se a peça foi branqueada e burnida e não tem relevos, no fim de cinco banhos está prompta.

Nada mais facil do que a execução deste processo: um copo, uma lamina de zinco arqueada em cylindro com um arame de cobre soldado, um sacco de bexiga, uma dissolução d'ouro na agua regia, e algumas gotas d'acido sulfurico, eis-aqui todo o apparatus deste processo, tão simples como economico e vantajoso a todos os respeitos.

É muito para desejar que os nossos artistas se resolvam a pratica-lo, que por certo o preferirão ao antigo, sobre tudo na douradura da prata, da casquinha, do cobre, do latão e do bronze; alem disto póde por elle dourar-se tambem o ferro e o aço, revestindo-o previamente de uma capa de cobre com a immersão

da peça n'uma dissolução de sulfato de cobre. O *argentão*, ou a liga chamada commumente prata d'Alemanha, e outras de semelhante natureza, podem igualmente dourar-se por este meio.

Tambem naquella sessão deu o Sr. Pimentel noticia de varios outros processos de douradura, desconhecidos na pratica dos nossos douradores; entre os quaes achámos mais notavel o de que se servem os inglezes para dourar, *pela via humida*, fervendo as peças n'uma dissolução bem neutra do chlorureto de ouro com o bicarbonato de potassa.

Papel-marfim.

O SEGUINTE methodo para fabricar este papel foi exposto por Mr. Einslie, de Westminster, á Sociedade das Artes, que o premiou com a quantia de trinta guinéus.

«Tome-se a quarta parte de uma libra, ou arratel, de aparas de pergaminho limpas; e deitem-se n'uma tigella, ou vasilha semelhante, que tenha capacidade para duas libras, com quasi tanto d'agua como ella póde conter; coza-se tudo por espaço de quatro ou cinco horas, acrescentando de tempo a tempo com agua para substituir a que se evapora na fervura: cõe-se então o liquido por um panno; e quando estiver resfriado formará uma forte geleia a que se poderá dar o nome de colla n.º 1.

Ponha-se n'outra vasilha a fundagem ou pé que fica desta ultima operação; encha-se d'agua e faça-se ferver como na antecedente por quatro ou cinco horas: então cõe-se o liquido e dê-se-lhe o nome de colla n.º 2.

Pegue-se em tres folhas de papel de desenhado, molhem-se dos dois lados com uma esponja embebida n'agua, e dê-se-lhes por cima uma camada da colla n.º 2. Em quanto estão molhadas ponham-se sobre uma ardesia ou lousa bem plana, e um pouco mais pequena em dimensão que o papel: dobrem-se as margens do papel, collando-as na superficie opposta da lousa, e deixe-se enxugar tudo a pouco e pouco. Molhem-se, do mesmo modo, outras tres folhas de papel, e collem-se uma a uma sobre as outras: cercê-se com um canivete o que passa da beira da ardesia ou lousa, e quando tudo estiver perfectamente sêcco embulhe-se um pedaço d'ardesia em lixa de papel, e dê-se com isto polimento ao papel até ficar macio e liso. Colle-se depois uma folha pelo direito (*) tendo-se cuidado que não leve cousa que suje: corte-se tambem o papel que excede as bordas, e quando estiver sêcco pulsa-se com o papel mencionado, do fino, a fim de que a superficie appareça perfectamente li-

(*) O papel inglez para desenho tem direito e avêssô.

sa. Tome-se, quando o trabalho chegou a este ponto, um quartilho mal medido da colla N.º 1, que será posta a lume brando, e na qual se vasarão de gêsso fino tres colheres de sopa cheias. Feita a mistura, deite-se sobre o papel, estendendo-a por igual com uma esponja macia. Emfim tomem-se algumas colheres da colla N.º 1, que se misturarão, tambem a calor brando, com agua na proporção de tres quartos da quantidade da colla: quando tenha esfriado a ponto de tomar consistencia meio-gelatinosa, vase-se quasi a terça parte sobre o papel, estendendo-a por igual com uma esponja: sêcca esta porção, dá-se segunda, e assim o restante. Estando tudo bem sêcco se hade pulir levemente do modo já dito; e está acabada a manipulação do *papel-marfim*: póde este ser tirado de cima da lousa, prompto para servir.

A quantidade d'ingredientes indicada é bastante para preparar uma folha de papel da dimensão de 14 pollegadas por 16.

O gêsso dá uma tinta perfectamente branca: tres partes de gêsso, misturadas a quatro partes de oxido de zinco, produzem uma côr mui semelhante á do marfim; o precipitado de carbonato de barytes dá uma tinta intermedia.

Quem fôr dotado de felice engenho,
Com profundo saber, polido, e ornado,
Não tema as ondas; lance ao mar seu lenho.
Procure descobrir affouto, e ousado,
Novos climas, e novos horisontes;
Sirva de guia aos seus; será louvado.
De seus escriptos brotem novas fontes
De sciencia e doutrina, com que cresçam
Do Pindo as flôres nos mais sêccos montes.
Faça com que os estranhos reconheçam
Que as artes não são delles mais prezadas,
Nem que entre elles mais se honrem, mais floream.
Francisco Dias Gomes. Eleg. 11.ª

 A Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, sabendo que em seu nome se divulgam algumas publicações litterarias; tanto assim que chegaram a mandar para as Provincias prospectos de obras, inculcadas com esta assignatura — o Redactor do Panorama; ve-se na precisão de prevenir o publico de que só pertencem á Sociedade os escriptos, que nos programmas forem designados como privativamente seus.

Portanto os annuncios ou prospectos, que não tiverem esta condição e a de que as subscrições se tomam no Escriptorio da Sociedade ou nas residencias de seus Correspondentes, deverão ser reputados apocriphos; quer sejam distribuidos em Lisboa conjunctamente com o «Panorama»; quer sejam enviados aos Srs.ªs Correspondentes das Provincias; porque a estes costuma a Direcção remetter os seus programmas, ou os exemplares dos livros publicados.